



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira.

Tributo sobre os homens

(Conto popular)

Era uma vez um rei.

Aborrecido de soffrer ministros, cortezãos e pretendentes, resolveu viajar nos seus estados.

Um dia, depois de ter percorrido algumas leguas de pessimas estradas, apesar de no seu reino se cobrarem pesados tributos para viação, e as obras publicas consumirem a maior parte da receita do orçamento, quando já offegante e extenuado pelos baldões, a que o obrigara o mau piso do caminho, surgiu em uma formosa planície que se extendia a tocar no horizonte visual, na qual a natureza derramara todas as galas de uma pomposa vegetação.

Aqui um longo pomar de douradas laranjeiras encantava o olfato com o seu perfume delicado; mais longe a loura seara ondulava ao sopro da brisa; por todos os lados os fructos e as flores encantavam a vista e seduziam o viajante. O monarcha ficou encantado.

—A quem pertencem estas ricas propriedades? perguntou elle a um moleiro que passava, sentado no seu jumento.

—A meu amo, senhor, respondeu o

interrogado, tirando o barrete respeitosa-mente.

Quem é elle? tornou o rei esperando ouvir nomear algum dos seus ministros.

—E' frei João sem cuidados, respondeu o moleiro.

—Sem cuidados! exclamou o rei...

Pois ha um homem n'este reino que se appellida sem cuidados!... e que além d'isso é possuidor de tão vastas e esplendidas propriedades! Quero vel-o!

—Venha commigo, disse o moleiro.

E batendo com os calcanhares na harriga do jumento, fel-o trotar adiante do rei.

Momentos depois, caiam como nma avalanche em casa do padre que apenas teve tempo de occultar aos recém-chegados uma botija de boa genebra com a qual entrara em amoroso colloquio.

—Eu sou o rei, disse-lhe este; e como não me soffre e animo que haja no meu reino um homem tão ditoso que possa chamar-se «sem cuidados» quando eu tenho tantos, venho dar-te em que penses.

—A's ordens de vossa magestade, replicou o padre desfazendo-se sorrateiramente de um enorme pitada, que tinha entre os dedos e nada gostoso da illustre visita que recebera.

—De hoje a um mez, continuou o rei, espero-te na capital e se queres

conservar a cabeça sobre os hombros, has de levar-me a solução de cinco problemas que te vou dar e que tomarás nota.

1.º quantos cestos são precisos para mudar o monte branco?

2.º Quantas estrellas ha no ceo?

3.º Qual é o peso da terra?

4.º Quanto valho eu?

5.º E o que estarei eu pensando na occasião em que te fallar?

—Mizericordia, senhor exclamou o padre. Vossa magestade acaba de decretar a minha morte.

—Até de hoje a um mez, respondeu o rei retirando-se.

Passaram-se alguns dias nas mais pungentes afflicções para o bom do padre, que já se podia chamar com razão frei João de cem cuidados.

Infeliz de mim, dizia elle a miudo, devo a morte aos meus *poucos* haveres! . . . Elle não se convencia de que era riquissimo . . . e a ti tambem maldito tagarela. Era o moleiro que conduzira o rei.

—Não se afflija, sr. frei João, disse-lhe este um dia que viu o padre mais afflicto. Já que fui causa dos seus desgostos eu o livrarei d'elles.

—Que has de tu fazer, pobre pateta, quando eu com longos annos de estudo, pratica do mundo e na familiaridade com a côrte celeste nada posso?

—Isso é cá segredo meu, respondeu o moleiro com ar de mysterio; verá, verá.

Era passado o mez e o rei não se esquecera—coisa rara—estava esperando por frei João *sem cuidados*, mas apesar de o esperar ficou altamente admirado de vêr a mudança que n'elle se operara; quando lhe appareceu o bom do padre que tinha sido rotundo e adiposo, estava reduzido à expressão mais simples tornara-se mais alto, consequencia do emagrecimento, pelo menos o rei assim

o pensou e teve dó d'elle.

—Então resolvidos os problemas? perguntou-lhe elle.

—Veremos, real senhor.

—Vamos ao primeiro: Quantos cestos são precisos para transportar o monte branco?

—Isso, real senhor, depende do tamanho dos cestos: se forem por metade do monte bastarão 2, se regularem por um quarto d'elle são precisos 4, etc., diga-me vossa magestade as dimensões dos cestos em relação ao monte, que depois lhe darei a conta d'elles.

—A tua resposta é sagaz, mas pôde ser debatida . . . enfim, passemos á segunda. Quantas estrellas ha no ceo?

—677;822 e mande vossa magestade verificar, que se faltar alguma, eu mesmo me degolo.

—Basta. Quanto pesa a terra?

—Ah! real senhor! agora é que são ellas! imagine vossa magestade que em todo o mez não tenho feito mais que separar as pedras da terra e ainda pouco consegui. Mande-me vassa magestade separar a terra de todas as pedras, pedrinhas e pedregulhos, que n'ella se acham, e eu depois lh'a pesarei muito bem pesadinha.

—Assim será.—Quanto valho eu?

—Nosso Senhor Jesus Christo valeu 30 dinheiros, ora os reis são a imagem de Deus na terra, portanto vossa magestade deverá valer 29, para não offender a sua modestia.

—Bem, bem, exclamou o rei a quem esta conversação pozera de bom humor.

—Diz-me agora em que estou eu pensando?

—Verdade, verdade, vossa magestade pensa que falla com frei João *sem cuidados*, a final de contas está fallando com o moleiro d'elle.

Dito isto tirou a cabelleira branca e deixou vêr ao monarcha admirado, a ca

beça rude, mas intelligente, do moleiro.

—Muito bem, disse-lhe o rei rindo da esperteza do aldeão—pôdes assegurar a frei João que a tua habilidade lhe poupou alguns dissabores, e demora-te que te quero recompensar e has de almoçar no palácio.

D'ali a pouco estava o aldeão almoçando e divertindo o monarcha com os seus ditos: por fim disse-lhe este:

—Quero dar-te uma lembrança minha e como me tens dado bastante prazer, quero que esta lembrança seja a teu gosto: dize-me o que desejas.

—O que desejo—respondeu o moleiro, reparando para um reposteiro que durante o almoço se agitava sem causa apparente por mais de uma vez—que desejo... que vossa magestade mande que todos os maridos quando tiverem medo das mulheres, me deem uma peça de ouro.

—Ora essa!... o teu pedido obriga-me a mudar a boa opinião que formara do teu juizo!... mêdo da mulher, qual será o homem tão degenerado que o tenha?

—Mande vossa magestade que se cumpra esse pedido, que o resto diz-me respeito.

—Bem, faremos o possivel para te satisfazer; mas desde já me convengo que não has de enriquecer.

—Ora vossa magestade verá se quiser dar algum passeio aquelles sitios!... e, se me atrevesse a dar um conselho ao meu rei, dir-lhe-ia que fosse por ali muitas vezes: ha bellos pontos de vista, abundancia de caça, aguas deliciosas, e principalmente, vossa magestade desculpe, as mais bellas cachopitas!

—Cala-te diabo, exclamou o rei, está ali a rainha.

—Venha de lá uma peça, retrocou o moleiro, visto ter mêdo da esposa.

O rei riu-se e remiu o imposto.

Um conto oriental

Tendo diversos povos arabes acabado de lavrar o seu campo, chegou o diabo e disse-lhes:

—Metade do mundo pertence-me; quero portanto receber uma parte da vossa colheita.

Os astutos arabes responderam-lhe:

—Sim receberás a parte que ficar debaixo da terra.

—Não, não, accudiu o diabo; eu quero a parte que ficar fóra da terra.

Os arabes semearam todo o seu campo de batatas, e quando chegou o tempo da colheita, recolheram o que estava debaixo da terra, e entregaram as ramas ao diabo. No anno seguinte voltou este e disse enfurecido:

—D'esta vez não me lograrão: eu quero a parte que' ficar debaixo da terra.

Os arabes então semearam o seu campo de trigo e cevada, e, quando chegou a colheita, levaram a palha e o grão e o diabo ficou só com as raizes.

Os sete sacramentos

(CANTARES)

Os sacramentos são sete
Aqui t'os venho explicar,
Ouve tu com attenção,
Se me queres escutar:

—O batismo é o primeiro

Dos sacramentos que digo;
Já sei que estás batisada,
Já podes casar comigo.

Segundo confirmação;
Um bispo te confirmou;
Cada vez do meu amor
Mais provas confirmo e dou.

—O terceiro, penitencia;
Foi, por ella, que outro dia
Me mandaram esquecer-te,
E eu disse que não podia.

—E' o quarto a comunhão;
Por ella adorar-te juro;
Se estás na graça do Deus
Conta o ceu como seguro.

—Extrema-unção é o quinto;
Venha ella, não a temo;
Tambem á hora da morte
Serás meu consolo extremo.

—O sexto, o sacerdotal;
Sacerdote não serei;
Venha a morte e verão todos
Como ainda te amarei.

—O setimo, matrimonio,
Esse venho aqui buscar;
Quer queira teu pae, quer não,
Hei de contigo casar.

Fernandes Costa.

O QUIANDA

É crença geral entre a gente rustica d'este paiz, que os rios, lagos, fontes, etc. são habitados por entes com apparencias humanas, mas de altura incommensuravel; gosam da immortalidade, e são divindades de segunda ou terceira ordem. Esses en-

tes chamam-se *Quiandas*; governam os peixes e os amphibios, estabelecem e regulam o equilibrio das aguas; são engenheiros hydraulicos, em summa, e o seu poderio é tal, que chega a influir nos destinos do homem. *Quianda*, pois, é o deus da agua, É mesmo que o deus no seu imperio marinho. O valgaço attribue-lhe os desastres que acontecem nos rios, lagos, mares, fontes etc. São papões que engolem as creanças e homens, e mettem embarcações no fundo. Quando acontece algum desastre, acreditam que o *Quianda* não quer deixar passar nas suas aguas embarcação nenhuma; n'este estado de crença preferem morrer á fome e á sede, a pescar peixe ou a tirar agua d'aquelle rio.

Então os mais fanaticos em taes crenças convocam os quilambas, cirurgiões encabeçados no sacerdocio. Estes que consideram essa credulidade um ramo de industria, procuram aplacar as iras do *Quianda*, por meio de offertas, como gallinhas carneiros, cabras, etc, que vão collocar na margem do rio, ou lago, onde se suppõe a habitação permanente do tal engenheiro hydraulico. Esta preparação expiatoria é acompanhada de libações de aguardente e malulo (vinho de Palmeira). O quilambas, abusando da embriaguez dos fanaticos, esgueiran-se de noite, vão á margem, empalmam as gallinhas, carneiros, em summa, toda a offerta, e fazem acreditar que o *Quianda* é que comeu tudo e está satisfeito.

(*Quilunda*—Africa).

A. J. do Nascimento.